



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE PLE E SUA PERCEPÇÃO PELO PROFESSOR

Fernanda Ricardo Campos (CEFET-MG)¹
nanda.ricardo@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como tema a variação linguística no ensino de PLE, e mais especificamente o tratamento desta em livros didático. Os objetivos propostos para esta pesquisa foram: verificar se os livros didáticos em análise promovem propostas de trabalhos pedagógicos que envolvam a variação linguística; averiguar como livros didáticos de português como língua estrangeira trazem textos orais e ou escritos, atividades de compreensão e produção textual, explanações e explorações de aspectos gramaticais e lexicais que permitem um trabalho voltado à conscientização da variação linguística, entender como o professor usuário avalia o livro didático utilizado em termos de variação linguística. O trabalho fundamentou-se nos pressupostos teóricos acerca dos fenômenos variacionistas (LABOV, 2008 [1972]; FARACO, 2006; CASTILHO, 2010), levando em conta os estudos em PLE, a discussão sobre o livro didático no contexto de ensino-aprendizagem de PLE (PACHECO, 2006; MORITA, 1998) e sua relação com programas do governo (BRASIL 1998; BRASIL, 2001; BRASIL/FNDE, 2014), no que se refere a uma abordagem sociolinguística. Para os propósitos da pesquisa foi elaborado e utilizado, como instrumento metodológico, um roteiro de análise pelo qual foram descritos dois livros didáticos de português como língua estrangeira e esse instrumento possibilitou averiguar como esses livros exploram e/ou permitem um trabalho voltado à conscientização da variação linguística. Esse mesmo roteiro foi utilizado pela pesquisadora e professores usuários dos livros didáticos. A partir da análise pode-se perceber que, mesmo tendo sido concebido numa proposta comunicativa, os livros selecionados apresentam variação linguística, mas não a exploram muito bem. Sobre a análise dos professores pode-se perceber que o livro didático que apresenta mais subsídios ao professor, como as explicações de fenômenos da variação mais contextualizados, facilitou sua percepção em relação ao tema, assumindo assim o papel de formador.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística; livro didático; português como língua estrangeira

ABSTRACT: This article has as a theme the linguistic variation in teaching of Portuguese as a foreign language (PFL) and more specifically how it is dealt with in some textbooks. This study aimed to: verify whether the teaching materials under analysis, promote proposals for educational work that involve the linguistic variation; investigate how textbooks of Portuguese as a foreign language bring oral and/or written texts, comprehension and text production activities, explanations and explorations of grammatical and lexical aspects which enable a work aimed at the awareness of linguistic variation; understand how the teachers evaluate the textbook used in terms of linguistic variation. The study is based on the theoretical assumptions regarding variation phenomena (LABOV, 2008 [1972]; FARACO, 2006; CASTILHO, 2010), considering the studies in the PFL, the discussion about textbook in the context of teaching-learning PFL (PACHECO, 2006; MORITA, 1998) and its relationship to governmental programs (BRAZIL 1998; BRAZIL, 2001; BRAZIL / FNDE, 2014), according to a sociolinguistic approach. To achieve the research purposes, it was developed and applied, as a methodological tool, a roadmap through which analysis in which two PLF textbooks were described and such a tool enabled us to verify how those books explore and/or allow a work focused on the awareness of linguistic variation. The same roadmap was used by the researcher and by the teachers who work with those textbooks. On the researcher's analysis, it may realize that, despite having evidenced a communicative proposal by the

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG; Mestre em Estudos de Linguagens; nanda.ricardo@gmail.com



developers of the selected PFL textbooks, the books present linguistic variation, however, they do not exploit the subject matter in depth or as proposed by Brazilian Governmental programs. The analysis it may be perceived the textbook that presents more assistance to the teachers, such as the explanation of more contextualized variation phenomena, has facilitated their perception of the issue, thus, assuming a role in teacher education.

KEYWORDS: Linguistic Variation; Textbook; Portuguese as a Foreign Language Theory.

Introdução

No que tange ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira, deve ser levado em conta que, ao estudar uma nova língua, o aprendiz dificilmente terá condições de dominar inteiramente qualquer variedade desta língua, ao contrário do estudante de língua materna que, já no começo de sua vida escolar, tem plenas condições de se comunicar usando alguma variedade de sua língua. Por esta razão, o aluno de línguas estrangeiras pode ter dificuldade de realizar uma interação real na língua que está aprendendo, principalmente se ele for submetido apenas a uma abordagem que enfatiza as normas do uso padrão nas aulas.

Ao mesmo tempo, no Brasil, políticas públicas na área da educação demonstram preocupação com a Variação Linguística ao estipular critérios para as avaliações de obras didáticas relacionados a essa área dos estudos de linguagem, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o qual se configura como um importante programa do Governo Federal visando a distribuição de livros didáticos para todas as escolas do sistema público de ensino brasileiro, o que representa um grande investimento por parte do Governo na educação pública. Segundo o Guia PNLD 2014 - Língua Estrangeira Moderna, os livros didáticos precisam atender requisitos que referem-se à consideração da Variação Linguística no ensino de línguas para serem adotados em escolas públicas como: (i) apresentar um conjunto representativo de diferentes comunidades falantes da língua estrangeira; (ii) contribuir para a compreensão da diversidade cultural, social, étnica, etária, de gênero; (iii) abordar temas adequados aos anos finais do ensino fundamental; (iv) contemplar variedade de gêneros orais, gêneros escritos, linguagem verbal, linguagem não verbal, linguagem verbo-visual e (v) incluir um conjunto de

gêneros que circula no mundo social, oriundo de diferentes esferas e suportes representativos das comunidades que se manifestam na língua estrangeira.

E para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de língua deve se pautar na concepção de língua em uso:

a finalidade do ensino de Língua Portuguesa, tal como vem sendo tratada em diversas propostas curriculares, é criar situações nas quais o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (PCN, 1998, 5ª a 8ª, p. 13)

E nos PCN do Ensino Médio – Língua Portuguesa,

A linguagem é considerada aqui como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. Podemos, assim, falar em linguagens que se inter-relacionam nas práticas sociais e na história, fazendo com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas. (PCN, 2001, p. 19)

Para a educação brasileira, o próprio governo reconhece e recomenda uma abordagem que considera a variação linguística. Assim como os PCN que consideram a língua como contexto da vida diária e como prática social, julgo que este artigo poderá contribuir para fomentar uma reflexão em torno de como o ensino de línguas, principalmente o de língua portuguesa para estrangeiros, vem sendo realizado, ao mesmo tempo em que revela uma nova possibilidade de trabalho com a linguagem.

Pelo exposto, é importante verificar até que ponto os livros didáticos de PLE contemplam e exploram as variações linguísticas da língua portuguesa, possibilitando ao aluno a competência de utilizar uma variedade do português que se encaixe numa situação real de comunicação. O foco desta pesquisa, então, é analisar, nos livros didáticos selecionados, o trabalho proposto com variação linguística e, ainda, como os professores usuários percebem isso. Isso se traduz nas perguntas:

- Como a variação linguística no ensino de português como língua estrangeira é contemplada no livro didático para estrangeiros?
- Como os livros didáticos exploram a variação linguística nos textos, nas atividades de leitura, na exploração do vocabulário, na explanação de questões gramaticais e nas habilidades orais;
- Como o professor, usuário do livro, percebe a exploração da variação linguística no livro didático?

Importa destacar, ainda, que a essência deste trabalho está na estreita conexão da minha prática docente, uma vez que se vincula com preocupações que sempre orientaram as atividades de ensino. Segundo Almeida Filho (2005), falta uma crítica sistemática para orientar novas produções de séries didáticas e apoiar novas tendências metodológicas no ensino de PLE. Portanto, acredita-se que este artigo se justifica também a partir de seu aspecto prático, na tentativa de auxiliar o professor em sua rotina e evitar que o mesmo se torne porta-voz ou agente de práticas preconceituosas e equivocadas em relação à linguagem.

Se levarmos em conta o LD como único meio de acesso da maioria de muitos alunos e, também, de muitos professores ao conhecimento da língua e cultura (CORACINI, 1999), este artigo torna-se relevante no sentido de analisar o LD de fato, não como crítica, mas como possibilidade de reflexão e mudança. Como afirma Silva (2012), é importante refletir sobre a importância do LD, pois seu uso ultrapassa a sala de aula, além de ser presença constante no ensino de língua estrangeira, sua importante função em aulas de língua estrangeira, reafirmando a necessidade de contínuas pesquisas nessa área e levando em consideração que é o principal instrumento utilizado pelo professor para o exercício de sua prática.

O LD tem ocupado um espaço relevante nos estudos realizados pelos linguistas aplicados e nas revistas da área, isso por conta da influência que o referido material tem exercido sobre o ensino-aprendizagem de línguas, (CORACINI, 1999), principalmente

para aquele professor que trabalha no exterior, num ambiente de não imersão, e, que muitas vezes, não possui formação. Como postula Silva (2010 b, p. 212), “o livro didático sobrevive, tanto no Brasil quanto em outros países, por satisfazer necessidades de alunos e professores, constituindo-se num facilitador, fonte de atividades, direcionador, um guia que pode orientar o ensino e a aprendizagem.”

Objetivos

Esse artigo tem como objetivo geral analisar como livros didáticos brasileiros de português como língua estrangeira e docentes usuários tratam a variação linguística.

A partir desse objetivo geral, essa pesquisa tem como objetivos específicos:

- Verificar se os livros didáticos em análise promovem propostas de trabalhos pedagógicos que envolvem a variação linguística;
- Averiguar como livros didáticos de português como língua estrangeira trazem textos orais e ou escritos, atividades de compreensão e produção textual, explanações e explorações de aspectos gramaticais e lexicais que permitem um trabalho voltado à conscientização da variação linguística;
- Entender como o professor usuário avalia o livro didático utilizado em termos de variação linguística.

Organização desse trabalho

Apresenta-se, nesta introdução a contextualização do trabalho, a justificativa, definição do problema e objetivos a serem tratados. O primeiro capítulo consta de conceitos relevantes na área de Sociolinguística e trata da competência comunicativa, que constituem a fundamentação teórica deste estudo. O segundo capítulo traz a relação

do livro didático de PLE com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Celpe-Bras e Quadro Europeu Comum de Referência. No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia utilizada. No quarto capítulo, é apresentada a discussão dos resultados, obtidos pela pesquisadora e os resultados das análises feitas por alguns dos docentes usuários dos dois livros de PLE. Por último, as conclusões são apresentadas com o desenvolvimento deste trabalho e as contribuições que podem oferecer a uma maior compreensão e a um aprofundamento do tema.

1. Teoria da variação e mudança linguística: pressupostos teóricos

1.1. As diferentes concepções de língua

Sob o ponto de vista histórico, os estudos acerca das línguas têm apresentado, de maneira geral, dois pontos de vista bastante distintos do que vem a ser língua e linguagem: de um lado, a dimensão prescritivista, representada pelas gramáticas normativas e, de outro, as diversas abordagens científicas desenvolvidas pela Linguística Moderna. Na abordagem prescritivista, encontra-se o senso comum de que certos usos linguísticos, mais do que outros, devem ser tomados como padrão/modelo a ser seguido por todos os falantes de determinada língua, daí a predominância de juízos de valor, como certo e errado, feio ou bonito. Na segunda abordagem, no entanto, a linguagem humana é investigada de forma que é possível descrever e explicar a língua e seus usos e não, simplesmente, buscar regras de comportamento linguístico.

Segundo Chomsky (1986; 1996), a partir do modelo de investigação, proposto pela Teoria Gerativa, é possível conceber o conceito de língua sob dois enfoques. O primeiro vê a língua como um elemento externo ao ser humano, cuja linguagem é tratada como um constructo teórico, criado a partir de enunciados linguísticos, produzidos em determinada comunidade homogênea. O segundo trata a língua como um sistema interno à mente humana com propriedades estabelecidas pela relação da língua

com os componentes cognitivos. Há que se considerar que os diferentes conceitos de língua determinam diferentes concepções de gramática.

Para Franchi (2006), é possível distinguir três maneiras distintas de ver os estudos linguísticos a partir de diferentes concepções de língua e, conseqüentemente, do conceito do que venha a ser uma gramática:

- (i) Conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso de língua consagrado pelos bons escritores (2006, p.16);
- (ii) Sistemas de noções mediante os quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical (2006, p.22);
- (iii) Saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve pela própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica (2006, p. 25)

A despeito das concepções de língua, sob os pontos de vista normativo, estruturalista e gerativista, apresentadas por Franchi (2006), é possível identificar outra concepção de língua: a social. Sob esse ponto de vista, a língua, construída socialmente, apresenta-se como um sistema heterogêneo em que, ao mesmo tempo que possui estrutura, é dotada de variabilidade.

Segundo a Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana (Cf. LABOV, 2008), as línguas são sistemas, cujos fenômenos de variação estão ligados à noção de heterogeneidade. Para Labov (2008), a variação pode ser sistematizada, o que leva a crer que não se trata de um caos quando o assunto é variação linguística. Segundo o autor, uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada, visto que a língua é um sistema, constituído por um conjunto estruturado de regras, é o fato de os falantes de determinada comunidade se entenderem e, obviamente, se comunicarem, apesar de todas as variações e diversidades inerentes à língua. Dessa forma, mesmo que

se possa postular que a heterogeneidade possa implicar ausência de regras, a língua, e qualquer língua natural, é dotada do que se chama de “heterogeneidade estruturada”.

Enquanto a língua, postulada como um sistema homogêneo, possui somente regras categóricas, a língua, vista como um sistema heterogêneo, comporta-se, também, de acordo com regras categóricas e obrigatórias, regras variáveis. Entendendo que, na regra variável, não existe variação livre, ou seja, uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando uma regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). (Cf. COELHO, 2015)

Se entendermos a língua como um sistema homogêneo, veremos que há apenas regras categóricas que se aplicam sempre da mesma forma. No entanto, a concepção de heterogeneidade estruturada permite, ao lado de regras categóricas, a coexistência de regras variáveis, condicionadas tanto por fatores de natureza linguística quanto de natureza extralinguística. No português brasileiro (PB), pode ser citado, como exemplo de regra categórica, a colocação do artigo em relação ao nome que ele determina – o artigo sempre aparece antes do nome, daí dizermos ‘o menino’, mas nunca * ‘menino o’. Embora a Sociolinguística considere a relevância da regra categórica, o objeto de seu estudo é a regra variável que se constitui como uma regra gramatical, sujeita às restrições do próprio sistema linguístico.

Assume-se aqui a proposta de Castilho (2010, p. 197), que entende por variação “a manifestação concreta da língua, e por variedade a soma idealizada das variações.” Segundo o autor, para estudarmos variação linguística, precisamos selecionar um conjunto de variantes a partir dos diferentes eixos de variação como: variação geográfica, variação sociocultural, variação individual, variação de canal e variação temática. Em suma, a variação assume a heterogeneidade e o “caos” linguístico como objeto de estudo; a variante, as várias maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. Essas várias formas linguísticas compõem uma variável e podem ser: padrão, não padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada e de prestígio.

As variações geográfica, sociocultural, individual, de canal e temática são igualmente importantes no ensino da língua estrangeira. Como postula Castilho (2010)

sobre a *variação geográfica*, que procede de determinado espaço geográfico, está relacionada à origem do falante, possui marcas específicas em sua produção linguística. O autor ainda salienta que a visibilidade deste tipo de variação fez surgir a Dialetologia. Pode-se afirmar aqui a importância dos estudos dialetológicos no Brasil, que contam com pesquisadores renomados, os quais contribuem para a descrição do português brasileiro.

Sobre a *variação sociocultural*, Castilho (2010, p. 204) considera as variáveis: (i) falante não escolarizado e (ii) falante escolarizado. Para o autor, os falantes analfabetos não falam da mesma forma que os falantes escolarizados, assim, Castilho afirma ser comum a variedade culta para pessoas escolarizadas enquanto que a variedade popular caracteriza o falar dos não escolarizados.

Em relação aos fatores etário e sexual, o autor propõe outro tipo de classificação denominada *variação individual*. Em relação à idade, Castilho afirma “sabe-se que velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que foram generalizadas posteriormente” (CASTILHO, 2010, p.212). Em relação ao gênero do falante, o autor aponta para uma questão relacionada à própria estrutura da língua portuguesa, visto que não se identificam diferenças estruturais caso o falante seja homem ou mulher, como ocorre no japonês, por exemplo.

A *variação diacrônica* é aquela que, etimologicamente, dá-se através do tempo. Essa variação pode ocorrer tanto do ponto de vista da história externa, que diz respeito tanto como as formas linguísticas variam ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística, quanto do ponto de vista da história interna que diz respeito às mudanças que vão ocorrendo na língua – fonologia, morfologia, sintaxe – e em seu léxico. Um caso particular de variação diacrônica em português é a formação do pronome *você* que remonta de *Vossa Mercê*, via *Vosmecê*, que hoje é um pronome pessoal e que suplantou o antigo pronome de segunda pessoa *tu* (ILARI & BASSO, 2014).

Castilho (2010, p.211) ainda aponta a *variação de canal* cuja “comunicação linguística pode ocorrer em presença do interlocutor, quando falamos, ou na sua



ausência, quando escrevemos”, assim o autor propõe a variação entre a língua falada e a língua escrita.

Existe ainda a *variação temática*, que diz respeito ao modo como se trata determinado assunto. Segundo o pesquisador, assuntos do dia a dia, são parte do ‘português corrente’ e ao falarmos de assuntos especializados, teremos o ‘português técnico’. Assim, Castilho (2010, p. 223) afirma que tais variedades distinguem “a linguagem do cidadão comum da linguagem dos cientistas, dos clérigos, dos políticos etc.”

Para este amplo entendimento, vale ressaltar que um dos aspectos fundamentais a respeito das línguas vivas é que elas estão em constante processo de mudança² e, conseqüentemente, de variação. Continuamente, são criadas novas palavras, novas pronúncias, novas formas ou estruturas gramaticais e novas significações para as palavras já existentes. Concomitantemente, caem em desuso palavras, formas e significações mais velhas.

É importante ressaltar que, na história das línguas naturais, não é adequado falar em “leis”, como se todas as línguas estivessem submetidas a princípios universais e imutáveis. O conceito de normatividade do ponto de vista linguístico não diz respeito a regras preestabelecidas por uma gramática que dita normas de bom uso da “boa linguagem”, mas aos usos efetivados nas práticas discursivas. Normativo é visto, portanto, como sinônimo de regularidade. Diante de um conjunto de diferentes variedades e de uma complexa realidade social, a língua está correlacionada com a experiência de seus falantes, daí a importância de se ter ideias claras a respeito do que vem a ser uma língua e como os estudos linguísticos vêm tratando os conceitos de gramática, erro e variação linguística.

1.2 A Sociolinguística na Competência Comunicativa

² Estudos linguísticos não operam com teses baseadas em mudança linguística como sinônimo de progresso nem como sinônimo de degenerescência. Não existe nenhum tipo de valoração associado. As línguas mudam, nem para melhor, nem para pior. Não há, portanto, em inovador, um tom positivo e nem em conservador, um tom negativo. São apenas termos descritivos (FARACO, 2006).



Discutir o termo ‘Competência Comunicativa’ se faz necessário, uma vez que o ensino de línguas estrangeiras depende diretamente de sua influência. Com o desenvolvimento dos estudos variacionistas, novas propostas de ensino foram sendo planejadas, tendo em vista a língua em uso. O conceito “competência comunicativa” surgiu como uma reação às ideias de Chomsky em que competência significa conhecimento da língua e desempenho do uso real da língua (Neves, 2010).

Hymes (1979) afirma que o indivíduo, para ser caracterizado como competente em termos comunicativos, precisa saber as regras do discurso específico da comunidade na qual se insere, ele precisa demonstrar que tem habilidade para usar a linguagem, ou seja, saber quando, a quem, com quem e onde falar, e de que maneira.

A partir daí, vários modelos de competência comunicativa foram propostos, um dos mais conhecidos, proposto Canale e Swain (1980), oferece um modelo para a descrição de diferentes tipos de competência para o ensino de língua estrangeira. O modelo de competência comunicativa que diz respeito ao conhecimento e às habilidades que interagem no momento da comunicação atual foi revisado por Canale em 1983 e integra as 4 habilidades - ouvir, falar, ler e escrever – com outros quatro componentes – competência gramatical, competência sociolinguística, competência discursiva e competência estratégica (CANALE, apud NEVES, 2010, p. 73).

A competência gramatical se refere ao conhecimento lexical, morfológico, semântico, sintático, fonético e pragmático, usar essas habilidades para formar palavras e frases. A competência sociolinguística está relacionada aos padrões de interação de cada contexto sociocultural que diz respeito, por exemplo, ao *status* dos participantes, ao objetivo da comunicação, bem como às suas normas específicas. A competência discursiva diz respeito à conexão de uma série de orações e frases com a finalidade de formar um significado, envolve, por exemplo, aplicar formas gramaticais e os seus significados para se comunicar por meio de gêneros orais e escritos. E a competência estratégica que está relacionada à habilidade de lidar com as situações adversas no momento da comunicação. Essa competência relaciona-se à superação de limites



comunicativos de uma determinada situação de maneira a assegurar a eficácia da comunicação. Substituindo uma palavra por um termo equivalente quando esta é desconhecida pelo falante ou escritor, por exemplo.

Para Almeida Filho (2002, p.9), a competência comunicativa pode condensar as contribuições teóricas de autores básicos como Chomsky, Hymes, Canale&Swain, citados anteriormente, e pode ser entendida da seguinte maneira: a competência linguística como conhecimento linguístico (código); a competência sociocultural como conhecimentos socioculturais; a competência meta como conhecimentos metalinguísticos e metacomunicativos; e a competência estratégica como conhecimentos e mecanismos de sobrevivência na interação e o grau de acesso como habilidades.

Nesse contexto, a variação linguística mostra-se muito importante porque se configura na base para a competência sociolinguística ou sociocultural do usuário, pois constitui uma realidade nas interações sociais, como defende Neves, “a competência sociolinguística considera o papel dos falantes no contexto da situação e a sua escolha de registro e estilo” (NEVES, 2010, p. 73).

O objetivo desta pesquisa é analisar como livros didáticos brasileiros de português como língua estrangeira tratam a variação linguística e como e docentes usuários percebem esse tratamento nos LD. A discussão aqui apresentada, fundamentada nos estudiosos da área, servirá de base para a análise que será efetuada no capítulo 4 da presente dissertação. Antes de apresentá-la, porém, é preciso conhecer o livro didático de PLE, outro tema que fundamenta este estudo apresentado no próximo capítulo.

2. A relação do livro didático de PLE com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Celpe-Bras e Quadro Europeu Comum de Referência

Mesmo não sendo o único material utilizado em muitas salas de aula o LD promove textos, tarefas e atividades como instrumento fundamental para o professor, além de ter um papel na formação do professor, ajudando no seu fazer pedagógico.

Segundo os PCN (BRASIL, 2001) de LE,

é fundamental encarar o livro didático como um ponto de referência para o trabalho docente, como um recurso, não o único, facilitador do processo de ensinar e aprender, como um guia orientador geral, que auxilia na seleção e organização dos objetivos e conteúdos. Visto a partir dessa concepção, o livro didático é – ou deve ser – um recurso a mais, entre tantos, de que o professor dispõe para estruturar e desenvolver seu curso e suas aulas, mesmo quando ele é o responsável por sua elaboração/organização, o que pode constituir em alguns casos uma vantagem e em outros, uma desvantagem. (PCN, 2001, p. 154)

O livro didático de PLE, por não fazer parte da realidade do ensino formal das escolas brasileiras, não está inserido nos parâmetros curriculares, mas no âmbito de ensino de língua estrangeira no Brasil, os PCN podem ser tomados como base para as propostas de materiais didáticos de ensino de PLE produzidos no Brasil.

Outra referência como parâmetro é o exame Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), com o objetivo de comprovar a competência linguístico-comunicativa dos estrangeiros não lusófonos em Língua Portuguesa falada no Brasil. O exame é aceito em firmas e instituições de ensino, é obrigatório que os estrangeiros vindos de países não lusófonos tenham uma certificação de proficiência atestada por meio desse exame para que ingressem em cursos de graduação e pós-graduação conveniados com o MEC e, ainda, para aqueles que queiram ter seus diplomas revalidados em território nacional. O Celpe-Bras é uma exigência para estudantes estrangeiros bolsistas de Programas de Cooperação Educacional do governo brasileiro, Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG).

No Manual do Examinando do Celpe-Bras, no que se refere à natureza do exame, a concepção de língua se fundamenta em uma “visão de linguagem como uma ação conjunta de participantes em um propósito social” (BRASIL, 2010, p. 7), e que

tem como o objetivo da prática da linguagem “levar em conta o contexto, o propósito e os interlocutores envolvidos na interação” (BRASIL, 2010, p. 4). E no Manual do Examinador do Celpe-Bras, “o exame é de natureza comunicativa. Isso significa que não se busca aferir conhecimentos a respeito da língua, por meio de questões sobre a gramática e o vocabulário, mas sim a capacidade de uso dessa língua” (BRASIL, 2001, p. 4).

A competência do candidato é, portanto, avaliada pelo seu desempenho em tarefas que se assemelham a situações que possam ocorrer na vida real. Embora não haja questões explícitas sobre gramática e vocabulário, esses elementos são importantes na elaboração de um texto (oral ou escrito) e são levados em conta na avaliação do desempenho do candidato. Assim, considera-se que o exame avalia a prática de linguagem na perspectiva da língua como atividade sociointerativa, por meio de textos com objetivos comunicativos, reais.

O impacto de uma avaliação pode ter efeito retroativo relevante na metodologia de ensino de uma língua estrangeira (HUGHES, 1989; SCARAMUCCI, 2004). No que se refere ao Celpe-Bras, esse impacto pode influenciar na elaboração de materiais didáticos, especialmente nos livros didáticos. Como o livro *Estação Brasil: Português para estrangeiros* (2005), por exemplo, “um material influenciado pelo exame Celpe-Bras” (SCARAMUCCI, DINIZ & STRADIOTTI, 2009, p. 293). Outro exemplo é livro *Ponto de encontro* (2007) em que já apresenta algumas atividades comunicativas, inclusive foi citado no artigo de Huback (2012), em que a autora faz uma análise das correlações entre as tarefas propostas no exame Celpe-Bras e a metodologia de ensino de português como língua estrangeira adotada por livros didáticos. É uma obra mais recente que apresenta proposta relacionada ao exame é o livro *Viva! Língua portuguesa para estrangeiros* (2010), em que o quarto volume da coleção é voltado à preparação do aluno para o exame. Comparados às edições mais antigas, esses exemplares demonstram uma evolução em termos de material didático para o ensino de PLE, ao simular situações reais de uso da língua o que pode confirmar uma tendência de adaptação dos livros de PLE a pedagogias mais inovadoras de ensino de língua estrangeira.

O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) é um documento elaborado pelo Conselho da Europa sobre o ensino de línguas em que “descreve exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os *conhecimentos* e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação” (Conselho da Europa, 2001, p. 19).

Para isso, o documento descreve, de forma abrangente e detalhada, o que os alunos precisam aprender para usar uma língua com fins comunicativos, além de fornecer uma base comum para elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais e materiais didáticos para o continente europeu.

De acordo com o QECR, a competência sociolinguística “diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua” (Conselho da Europa, 2001, p. 169). A língua como fenômeno sociocultural é relevante para a competência sociolinguística, leva-se em consideração seu uso, as relações sociais do falante, expressões populares, sotaques etc. Normas que regem relações de uma comunidade e a afeta linguisticamente, mesmo que os interlocutores não tenham consciência desse fato.

O QECR pode ser parâmetro no sentido de tratar questões relacionadas às estratégias de aprendizagem e ensino no uso de uma língua estrangeira, principalmente no âmbito sociolinguístico em que elementos, importantes para o desenvolvimento dessa competência são levados em consideração no planejamento de programas de ensino, além de auxiliar, de forma significativa, tanto na elaboração, seleção de atividades e tarefas quanto no planejamento e desenvolvimento de programas de ensino e materiais didáticos.

Portanto, pode-se considerar o QECR como um documento referência no ensino de LE, já o Celpe-Bras não aprofunda tanto sobre o assunto, pois as informações foram tiradas de manuais do exame, objetivos completamente diferentes, mas que nesse caso, serve como parâmetro por ser o único documento na área de português como língua estrangeira.

Nesse sentido, esses referenciais citados anteriormente - PCN, Celpe-Bras e QECR - podem servir como base para as propostas de ensino no LD de PLE, já que são parâmetros necessários ao professor e que podem auxiliá-lo não apenas na organização de seus conteúdos abordando sociolinguística, mas também em sua formação e na elaboração de MD. Ou seja, na falta de manual especialmente pensado para a área de PLE, esses documentos podem auxiliar no que se refere à VL.

3. METODOLOGIA

A linha metodológica seguida está inserida nos moldes da pesquisa qualitativa porque descreve a realidade observada dos livros didáticos de PLE, sem qualquer manipulação experimental que envolva grupo de controle ou a interferência de variáveis. Desta forma, os livros foram observados em atividades de leitura e análise por mim e, posteriormente, foram inventariados dados de algumas partes de cada livro, visando a análise, na perspectiva da variação linguística. A coleta de dados também leva em consideração a análise de professores usuários dos livros selecionados para a pesquisa - descritos detalhadamente na próxima seção. Como instrumento para esta coleta, o mesmo roteiro de análise do LD utilizado por mim foi utilizado pelos professores, a fim de verificar como esses docentes percebem a VL nesse material didático.

Para o *corpus* da pesquisa, foram selecionadas duas obras publicadas no Brasil, destinadas a adultos, nas quais se almeja o desenvolvimento das competências: gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica - de acordo com a noção de competência comunicativa discutida na fundamentação teórica desta pesquisa - que correspondam à necessidade de comunicar-se em uma língua padrão e/ou coloquial, em situações cotidianas, tanto profissionais, quanto sociais, no campo oral – compreensão e expressão – e no da escrita – leitura e redação. Portanto, obras produzidas com base na abordagem comunicativa. A seguir:



- *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*³, de Maria Harumi O. de Ponce, Silvia Burim e Susanna Florissi, edição de 2012, publicado pela Editora SBS. (Doravante **BV**)

- *Muito Prazer – Fale o Português do Brasil*⁴, de Gláucia R. Rocha Fernandes, Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos, publicado em 2008, pela Editora Disal. (Doravante **MP**)

Esses livros didáticos foram escolhidos por dois motivos: (i) foram usados por mim durante minha prática docente em sala de aula e, também, (ii) pelos textos de apresentação das obras, em que as autoras enfatizam a importância que é dada ao aspecto comunicativo. Na obra *Muito Prazer*, as autoras afirmam:

Muito Prazer oferece uma abordagem nova para o ensino e aprendizado do português, que combina as melhores características das abordagens mais modernas de ensino de língua estrangeira, sem deixar de lado o estudo das estruturas que formam a língua portuguesa. Para tanto, apresentamos o léxico e a gramática essenciais para uma boa comunicação em português, por meio de atividades estimulantes e contextualizadas, que apresentam a linguagem em uso na comunicação dos brasileiros. (FERNANDES, FERREIRA, RAMOS, 2008, p.17).

Na obra *Bem-Vindo!* direcionando o dizer aos alunos, as autoras enfatizam:

Você vai encontrar, no decorrer das vinte unidades, as expressões coloquiais mais usadas, dialetos regionais e muito vocabulário útil a situações diversas: no trabalho, em casa, na rua, em restaurantes etc. Um pouco de história, cultura e sociedades brasileiras faz parte deste livro, elaborado especialmente para suprir a grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco é a comunicação. (PONCE, BURIM, FLORISSI, apresentação, 2012).⁵

³ A obra *Bem-Vindo!* conta, ainda, com um livro do professor, analisado (no capítulo 4) de acordo com as atividades e explicações propostas no livro do aluno.

⁴ A obra *Muito Prazer* não contém livro do professor, mas um material conciso que trata dos aspectos gerais e metodológicos do livro, disponibilizados em: www.muitoprazerlivro.com.br.

⁵ Esse texto está na apresentação do livro, não existe numeração das páginas.

A investigação proposta do que é contido nos livros didáticos para exploração da VL em PLE foi motivada pelo que se expôs anteriormente.

A coleta de dados foi pautada por um roteiro confeccionado para a pesquisa com base no arcabouço teórico, de maneira a nortear essa coleta sem se desviar do objetivo proposto, conforme feito em Silva (1998), com base em Larsen-Freeman & Long (1991) para pesquisas descritivas.

A parte visual do roteiro foi confeccionada a partir da ficha produzida por Dias (2009) como parte de seu projeto de pesquisa “Avaliando o livro didático (LD) de língua estrangeira (LE) no contexto do Ensino Fundamental” no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Essa ficha de referência foi publicada em Dias (2009, p. 226-235) e estabelece três possíveis respostas para as perguntas que norteiam a análise de um livro didático de língua estrangeira: *sim*, *não* e *parcialmente*. Algumas adaptações na ficha foram necessárias, como colocar o número das páginas que comprovassem as opções *sim* ou *parcialmente*.

O roteiro confeccionado está baseado na proposta de Bagno (2007), do livro “Nada na língua é por acaso”, em que o autor cria um roteiro para ajudar o professor de língua materna a avaliar a adequação do tratamento dado pelo LD aos fenômenos da variação, funcionando como um instrumento de crítica e reflexão. Neste caso, o roteiro foi adaptado visando privilegiar a variação linguística em português como língua estrangeira, a seguir:

Figura 01: Roteiro de Avaliação da exploração de Variação Linguística(VL) em Livro didático (LD) de Português Língua Estrangeira (PLE)

Dados do Livro Didático:

Título do livro: _____ Autor: _____

I. Com base em Bagno (2007)

	SIM	PARC.	NÃO	PG.
1- O livro didático trata da variação linguística?				
2- O livro didático menciona de algum modo à pluralidade de línguas que existe no Brasil?				

3- O tratamento se limita as variedades rurais e/ou regionais?				
4- O livro didático apresenta variantes características nas variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?				
5- O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas)?				
6- O tratamento da variação no livro fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticas?				
7- O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” ou “errado”?				
8 - O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?				
9- O livro didático apresenta a variação linguística enfatizando a norma-padrão?				

II. Com base no Guia de livros didáticos: PNLD 2015: língua estrangeira moderna: ensino médio

No que se refere aos textos, o livro:	SIM	PARC.	NÃO	PG.
11 - Contempla variedade de:				
• textos verbais?				
• textos não verbais?				
• textos verbo-visuais?				
12- Reúne um conjunto representativo das diferentes variantes das comunidades brasileiras?				
13 - Contribui para a compreensão da diversidade (cultural, social, étnica, etária e de gênero) como inerente à constituição de uma língua e das comunidades que nela se expressam?				
No que se refere à oralidade, o livro:	SIM	PARC.	NÃO	PG.
14 - Contém, em materiais gravados, produções características da oralidade?				
15 - Propõe atividades de compreensão em que questões relacionadas à variação linguística estejam contempladas?				
16 - Permite o acesso a diferentes pronúncias e prosódias revelando trabalho com a variação linguística?				
No que se refere ao conjunto, o livro:	SIM	PARC.	NÃO	PG.



17 - Apresenta de modo correto, contextualizado e atualizado, conceitos, princípios, informações e procedimentos, seja em textos, atividades, ilustrações ou imagens que estejam relacionados à variação linguística?

Para a descrição sistemática dos dados, os livros foram observados em atividades de leitura de textos e suas respectivas atividades, explanação de vocabulário, questões gramaticais e habilidades auditivas. Os dados foram inventariados, visando a análise, na perspectiva da variação linguística.

Sobre a coleta de dados com os professores, os mesmos foram selecionados a partir do material didático usado em sala ou de instituições que usam os livros - descritos anteriormente - no Brasil e no exterior. Como instrumento para esta coleta, o mesmo roteiro de análise do LD utilizado por mim foi utilizado pelos professores, em formato *online*, disponibilizado em: <https://docs.google.com/forms/d/1TgpfWyoTP7ji1U1pBtXFSaVzUUmy5c8Nn4NHb92Y62Y/viewform?c=0&w=1>. Esse link foi viabilizado por e-mail e pela rede social *Facebook*.

Após o término do prazo, os roteiros respondidos foram disponibilizados, online, em formato excel, armazenados no *GoogleDrive*. No total, sete roteiros foram respondidos, dois foram descartados, pois foram respondidos usando como referência um LD que não fez parte do corpus desta pesquisa e uma gramática. Dos cinco roteiros válidos, de acordo com o corpus da pesquisa, três correspondentes ao livro Bem-vindo! (BV): BV 01: usado no Brasil por professor particular; BV 02: usado no Peru em uma universidade particular e BV 03: usado na Nicarágua em um Centro Cultural. E dois correspondentes ao livro Muito Prazer (MP): MP 01: usado no Brasil por escola livre de idioma e MP02: usado no Brasil por professor particular. Dos roteiros usados na análise desta pesquisa, nenhum nome de professor ou instituição foi divulgado e a participação foi espontânea, por questões éticas, conforme os autores Denzin & Lincoln (2006) propõem para pesquisas qualitativas.

A análise dos dados foi baseada nos referenciais teóricos, e de modo a responder às perguntas de pesquisas, satisfazendo os objetivos da mesma. Os roteiros respondidos, por mim e pelos professores usuários, foram analisados dentro da perspectiva da VL



abordada na dissertação para tentar averiguar como o LD trata este aspecto da linguagem e como o professor o identifica no livro.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresento a análise e a discussão dos resultados obtidos sobre os livros didáticos selecionados, conforme procedimentos metodológicos explicitados no mesmo capítulo. Dessa maneira, comento sobre os aspectos no roteiro de avaliação, com base na fundamentação teórica apresentada.

A análise de cada um dos livros didáticos - **BV** e **MP** -, além do material do professor desses livros explicitados no capítulo anterior, se dará de acordo com o roteiro adaptado apresentado no capítulo anterior. A análise segue a ordem de ocorrência da VL nos LD e não a ordem de perguntas do roteiro, uma maneira mais interessante de visualizar as ocorrências de VL dentro dos temas propostos nas unidades e a forma como são trabalhadas quando exploradas.

4.1 Análise dos dados ⁶

4.1.1 Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação

Os áudios são o ponto positivo da obra, pois trazem diferentes pronúncias, mas na exploração das habilidades orais alguns sotaques ganham mais visibilidade que outros, como o sotaque de alguns estados da região nordeste, dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Não se percebe nenhuma atividade de exploração específica, o que

⁶ A análise mais detalhada encontra-se na dissertação, A variação linguística no livro didático de PLE e sua percepção pelo professor (CAMPOS, 2016). Disponível no site www.posgraduacao.cefetmg.br/cefetmg-posling/index.php/pt/dissertacoes



parece mostrar a consideração de alguns sotaques, mas não a exploração e conscientização do aluno em relação à essa diversidade.

O livro BV apresenta sua proposta baseada na gramática normativa, seu ponto negativo, uma vez que as atividades se mostram estruturalistas, principalmente quando se trata de explorar um conteúdo gramatical, quase sempre apresentado de forma isolada, completamente desligado das outras atividades e descontextualizado.

Outro ponto negativo são as questões culturais que, quando apresentadas, não são efetivamente exploradas, além de contribuir com estereótipos e preconceitos em relação à língua e à cultura. Sobre a concepção de língua evidenciada em BV, embora as autoras façam alguma menção a aspectos como “informal” ou “coloquial”, “língua falada” ou “língua escrita”, o livro não incorpora resultados de pesquisas sociolinguísticas na elaboração de suas atividades e textos. Mitos como o do “certo” e o “errado” ainda estão presentes, como observado no levantamento da obra. BV se mostra baseado em um sistema em que se aprende mecanicamente.

4.1.2 Muito Prazer – Fale o português do Brasil

O ponto positivo do livro MP é a preocupação das autoras com a linguagem e suas variações ao demonstrar uma iniciativa interessante trazendo exemplos mais próximos da língua falada para as explicações em suas atividades e textos. Porém, ao mesmo tempo, apresenta um ponto negativo, pois essas explicações e fenômenos linguísticos não estão de acordo com o apêndice gramatical apresentado no final do livro, o que pode prejudicar ou confundir o aluno que pretende explorar mais o livro. Existe uma proposta supostamente comunicativa, mas que enfatiza a linguagem do cotidiano, ainda arraigada no ensino tradicional.

Também faltou à obra abordar temas como a pluralidade linguística existente no Brasil, as variedades rurais e/ou regionais e a representatividade das diferentes variantes das comunidades brasileiras, elementos importantes que ajudam o aluno a criar uma identidade da cultura brasileira.

Outro ponto positivo do livro é a organização do seu projeto gráfico, legível e colorido, os textos presentes na coleção impressa contemplam as linguagens verbal e verbo-visual, com textos retirados de fontes como jornais e revistas, mesmo que estes textos estejam adaptados ao *design* do LD. Esse ponto está relacionado com a análise dos professores, que conseguiram perceber mais fenômenos relacionados à VL, elementos como o uso de “tu”, o (não) uso de “vós”; alguns pronomes usados antes do verbo em certas situações, expressões cotidianas, para citar alguns exemplos. A maneira como certos fenômenos foram trabalhados no LD auxiliou esse grupo a assimilar melhor alguns fenômenos de variação linguística.

Esses resultados demonstram que, mesmo tendo evidenciado uma proposta comunicativa por parte dos elaboradores dos livros didáticos de PLE selecionados, os livros, apesar de apresentarem variação linguística, não exploram muito bem o tema.

4.2 Análise dos Dados dos Professores

É importante lembrar que nessa seção não se discute a formação do professor, também usuário dos livros didáticos relacionados, discute-se aqui sua percepção sobre o tema VL, em sua própria análise do LD, usando um roteiro de avaliação como parâmetro para auxiliar essa análise.

4.2.1 Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação

Pelo fato de BV ser direcionado a alunos de nível inicial ao avançado e também pelo fato de (i) propor um trabalho da “língua portuguesa no mundo da comunicação”, subtítulo do livro, (ii) preparar o aluno para se comunicar em situações reais e (iii) do professor ser um conhecedor deste material, já que faz uso em sala de aula, esperava-se que os mesmos percebessem na obra uma maior incidência de VL.

A princípio parece que os professores consideram apenas a variação geográfica, já que apontam apenas textos que falam da diversidade linguística entre o português do Brasil e de outros países que têm o português como língua oficial. Alguns chegam a mencionar a pluralidade linguística, ao perceberem o uso de palavras indígenas. Todos esses textos são parte de uma mesma unidade, que tem como tema e título “O país e o idioma”, acredito que essas informações iniciais da unidade levaram os professores à essa marcação. Enquanto que, na verdade, tratou apenas da diversidade cultural e nada relacionado à diversidade linguística do PB.

Outro ponto que corrobora isso são os textos apontados com personagens típicos brasileiros que mencionam o mulato, o pantaneiro, o caiçara, o seringueiro, o mestiço oriental e o jangadeiro, mas não aprofundam sobre o léxico, por exemplo, dessas personagens ou de suas regiões.

Outra questão que pode ter influenciado essa análise é a disposição dos conteúdos e textos na obra, uma vez que existem muitas imagens, explicações, atividades de sistematização, todas muito juntas, o que provoca uma poluição visual. Os aspectos gramaticais são basicamente tratados de modo fragmentado, descontextualizados e vinculados à gramática normativa.

4.2.2 - Muito Prazer – Fale o Português do Brasil

O grupo que analisou MP conseguiu perceber outros fenômenos relacionados à VL, elementos como o uso de “tu”, o (não) uso de “vós”; alguns pronomes usados antes do verbo em certas situações, expressões cotidianas, para citar alguns exemplos. O importante é enfatizar que a maneira que certos assuntos foram trabalhados no LD, auxiliou o grupo a percebê-los como VL.

Percebe-se também que, em alguns casos, a obra assume o papel de formador, o livro deu mais subsídios ao professor, que sinalizou melhor ao apresentar explicações de

fenômenos da variação mais contextualizados, facilitou sua percepção em relação ao tema. Demonstrando organizar e dar suporte ao trabalho do professor em sala de aula.

Isso parece demonstrar que se o livro organiza e apresenta mais claramente ao professor a VL, ele a percebe melhor. Ao mesmo tempo, o LD funciona como um elemento de formação do professor, pois este parece assumir o discurso do LD e o toma como base. Assim, parece necessário verificar, em outras pesquisas, a influência que o LD pode exercer no fazer e no falar do professor.

O “NÃO”, como resposta poder apontar para duas vertentes (i) para a formação do professor, que talvez não tenha feito qualquer marcação pela falta de familiaridade com o assunto ou (ii) para o papel do LD como formador, se não foram marcados é porque realmente não foram mencionados na obra. Poucos dados dos professores se assemelham aos dados analisados por mim, eles assinalam alguns fenômenos, mas, de uma forma geral, apresentam esses dados muito ligados à maneira como está apresentado, disposto no LD, parece-me que se o LD não o apontasse seria mais difícil sua percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomada da proposta e dos objetivos da pesquisa

Nesta pesquisa busquei verificar como os livros didáticos de português como língua estrangeira abordam a variação linguística e como os professores usuários desses livros a percebem. O trabalho fundamentou-se nos pressupostos teóricos acerca dos fenômenos variacionistas, levando em conta os estudos em PLE, a discussão sobre o livro didático no contexto ensino-aprendizagem de PLE e sua relação com programas do governo no que se refere à uma abordagem sociolinguística. Para os propósitos da pesquisa foi elaborado e utilizado, como instrumento metodológico, um roteiro de análise dos livros didáticos construído com base no PNLD(2015); Bagno(2007) e Dias(2009) com adaptações e acréscimos, de modo a atender os objetivos propostos



nesta dissertação. Esse mesmo roteiro foi utilizado por mim e por professores usuários desses livros didáticos.

Considerações, implicações e contribuições

Os livros didáticos

É importante ressaltar que as observações e análises apresentadas ao longo desta pesquisa, em momento algum pretendem desmerecer as obras analisadas. Atesto o respeito pelo elaborador e autor de material didático, porém, no papel de pesquisadora, não posso deixar de apresentar algumas lacunas existentes nessas obras.

Nos livros didáticos analisados, afirma-se que as obras apresentam uma proposta comunicativa. Ao considerar essa proposta pressupõe-se, também, a consideração da competência sociolinguística, já que esta integra o modelo de competência comunicativa. Esperava-se que essa competência recebesse algum tipo de atenção, mas não foi o que se percebeu nos livros analisados.

Os dados gerados com os professores, mesmo que uma amostra pequena, direcionam para a importância do LD nas aulas de idiomas, não apenas como um auxílio para o professor, mas também como formador na prática docente. Na minha percepção como pesquisadora e estudiosa do assunto, consigo constatar diferentes fenômenos presentes nas duas obras, mas não tão bem trabalhadas. Enquanto que os professores respondentes assimilavam o tema na medida em que era sinalizado nas obras.

Acredito que o roteiro também teve um papel importante nessas análises, como instrumento de reflexão na avaliação de alguns critérios. Assim como o LD, o roteiro também tem um importante papel que auxilia na reflexão do professor durante a análise de alguns fenômenos que, talvez não perceberia facilmente sem um instrumento adequado para este fim.



O roteiro

Levando em consideração uma escassez de parâmetros específicos para o tema no que diz respeito ao ensino de português como língua estrangeira, o roteiro desenvolveu um importante papel metodológico nessa dissertação, acredito que tenha auxiliado o professor numa reflexão sobre o livro didático em si.

No livro didático de língua materna, em que a proposta do PNLD estabelece um capítulo destinado ao tema variação linguística, questões que abordam variedades estigmatizadas e prestigiadas, a diferença entre a norma culta e a norma padrão, o que é considerado “certo” e “errado” no ensino de português como língua estrangeira tem outro tratamento. Dettoni(2010) em seus parâmetros para o ensino de português como uma LE, sugere priorizar os fenômenos de variação mais difundidos na sociedade brasileira como um todo. Ricardi(2005) acredita que o LD precisa de uma prática voltada para um aprendizado mais pedagógico e sugere que os aspectos da variação linguística sejam trabalhados com uma atenção especial à questão do preconceito linguístico.

As ideias dessas autoras me fazem perceber que o roteiro, todavia, não está acabado. Esses aspectos mencionados por Ricardi e por Dettoni merecem mais desdobramentos e pesquisas, no que se refere a um estudo mais voltado ao ensino de PLE. Por esse motivo acredito que o roteiro foi apenas o primeiro passo para a avaliação do tema variação linguística. Espero que ele abra portas para um aprofundamento do assunto e, principalmente, adaptações que poderão auxiliar melhor o professor, inclusive a mapear outros materiais didáticos à luz da variação linguística

A formação do professor

Como apontado no decorrer deste artigo, em nenhum momento discutiu-se sobre a formação do professor de PLE, pois o objetivo foi analisar a sua percepção sobre a variação linguística no livro didático.

Entretanto, de acordo com alguns dados apresentados não posso deixar de atentar os para cursos de formação, que na verdade ainda são poucos, apenas em algumas universidades do Brasil com formação específica. Alguns, como acontece no estado de Minas Gerais, funcionam como cursos de capacitação ou extensão. Seria interessante nesses cursos de extensão – formação e capacitação - ou cursos de graduação específicos, abordar temas essenciais e mais recorrentes para o ensino de PLE, como aponta Coelho (2015) em sua dissertação de mestrado, *Diferentes olhares sobre a formação de professores de português como língua adicional no estado de Minas Gerais*, ainda existem lacunas relacionadas a conteúdos e bases teóricas no processo de formação do professor.

Compreendo que seria interessante trabalhar equívocos conceituais, mistura e confusões terminológicas relacionadas à variação linguística, tanto para o professor quanto para o elaborador. O professor precisa de conhecimentos linguísticos, além de perceber a necessidade de seus alunos e assim adequar o conteúdo do material didático de acordo com essas necessidades.

Palavras finais

O professor tem um papel crucial não apenas em sala de aula, ao ministrar suas aulas, mas como elaborador e, também, autor de material didático. É preciso considerar as pesquisas sociolinguísticas e como a academia dialoga com o professor em prática, com o autor e elaborador de material didático. Seria interessante levar em consideração o trabalho do sociolinguista, como colaborador, para auxiliar o que deve ser considerado ou não em termos de conteúdos e de que maneira esses conteúdos devem ser explorados nos livros didáticos. Além de propor um trabalho voltado para auxiliar os professores na



exploração dos conteúdos, como manuais mais completos e sugestão de leituras e/ou textos acadêmicos sobre o tema.

Nas obras didáticas de português como língua materna existe uma preocupação de autores/editores em adequar o material didático aos critérios estabelecidos pelo edital, confirmando a influência do PNLD na educação brasileira, o que contribui para a melhoria da elaboração desse importante material para a educação.

A área de português como língua estrangeira vem crescendo muito nos últimos anos, visto o número de obras didáticas publicadas, Centros Culturais Brasileiros espalhados pelo mundo, a expansão do exame de proficiência e seu impacto no material didático, além das muitas pesquisas já realizadas. Seria importante destacar que essa área também merece a elaboração de critérios oficiais para que oriente satisfatoriamente novas produções didáticas na tentativa de auxiliar o professor em sua rotina e evitar que o mesmo se torne porta-voz de práticas preconceituosas e equivocadas em relação à linguagem.

Ainda há muito que discutir e analisar sobre o livro didático de português como língua estrangeira. Essa discussão apenas instiga as várias lacunas abertas, citadas anteriormente. Contudo, o resultado das análises nos direcionam a refletir um pouco mais sobre um trabalho colaborativo entre o elaborador de material didático, o professor e o sociolinguista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **O Português como língua não-materna: Concepções e contexto de ensino.** Acervo digital do Museu da Língua Portuguesa. 2005. Acessado em 06/06/2014. http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso. Edição São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Programa Nacional do Livro Didático. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014: língua estrangeira moderna: ensino fundamental: anos finais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 56 p.



BRASIL. Programa Nacional do Livro Didático. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015: língua estrangeira moderna: ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. 56 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientações curriculares para o ensino médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientações curriculares para o ensino médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **Manual do aplicador do certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros.** Brasília: MEC, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros: manual do examinando.** Brasília: MEC/INEP, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language.** Its Nature, Origin, and Use. New York: Praeger, 1986.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COELHO, Rafaela Pascoal. **Diferentes olhares sobre a formação de professores de português como língua adicional no estado de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: CEFET-MG. 2015. 97 fls.

CORACINI, M.J.R.F. O livro didático nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 1999, p.17-26.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens.** Porto Alegre: ARTMED, 2006

DETONI, Raquel do Valle. Reflexões sobre o lugar da variação linguística no ensino de português como segunda língua. In: Kleber Aparecido da Silva. (Org.) **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas.** Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Volume 1. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 97-112.



DIAS, R. **Crerios para avaliaão do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE)**. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. Campinas: Mercado de Letras. 2009. p. 199-234.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: parábola, 2006.

HUBACK, Ana Paula. **O exame do Celpe-Bras e os materiais didáticos de português como língua estrangeira**. In: Revista (CON)TEXTOS linguísticos, v. 6, n. 7, p. 31-46. Vitória, 2012.

HUGHES. A. (1989). **Testing for Language Teachers**. Cambridge University Press.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

MORITA, Marisa Kimie. (Re) pensando sobre o material didático de PLE. In: SILVEIRA, Regina Célia P. da. (org.). Português Língua Estrangeira: perspectivas. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

NEVES, Maralice de S. Os mitos de abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula. In: PAIVA, Vera L. M. de O. e. Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências. 2 ed. Campinas: Pontes; Minas Gerais: Departamento de Letras Anglo Germâncias. UFMG, 2010. p. 69-80.

PACHECO, Denise Gomes Leal da Cruz. Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2006. 335 fls.

QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS - **Aprendizagem, Ensino, Avaliação**. Edição Portuguesa, Conselho da Europa, 2001.

RICARDI, Denize. A diversidade linguística brasileira no material didático para o ensino de português para estrangeiros. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. 2005. 130 fls.

SCARAMUCCI, M.V. R.; DINIZ, L. A. e STRADIOTTI, L. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, R. e CRISTOVÃO, V. L. (org.) O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. Mercado de Letras, 2009, p. 265-304.

SCARAMUCCI, M.V.R. (2004). Efeito retroativo da avaliação no ensino/aprendizagem de línguas: o estado da arte. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 43 (2): 203-226

SILVA, Renato Caixeta. O uso do texto literário no livro didático de inglês elaborado a partir da abordagem comunicativa". Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 1998



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS:

FERREIRA, Telma de Lurdes São Bento; RAMOS, Vera Lúcia, FERNANDES, Gláucia R. Rocha. **Muito Prazer – Fale o Português do Brasil**. Barueri, SP: Ed. Disal. 2008

PONCE, Maria Harumi Otuki; BURIN, Silvia R.B. Andrade; FLORISSI, Susanna. **Bem-vindo! Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação: português para estrangeiros**. São Paulo, Editora. SBS. 2012

_____ **Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação: português para estrangeiros: livro do professor**. São Paulo, Editora SBS. 2009.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.
Aprovado Para Publicação em 30 de janeiro de 2017.